

## QUERER A VIAGEM

No começo, bem antes de todo gesto, de toda iniciativa e de toda vontade deliberada de viajar, o corpo trabalha, à maneira dos metais, sob a ação do sol. Na evidência dos elementos, ele se mexe, se dilata, se estende, se distende e modifica seus volumes. Toda genealogia se perde nas águas tépidas de um líquido amniótico, esse banho estelar primitivo onde cintilam as estrelas com as quais, mais tarde, se fabricam mapas do céu, depois topografias luminosas nas quais des-ponta e se aponta a Estrela do pastor – que meu pai foi o primeiro a me ensinar – entre as constelações diversas. O desejo de viagem tem sua confusa origem nessa água lustral, tépida, ele se alimenta estranhamente dessa superfície metafísica e dessa ontologia germinativa. Ninguém se torna nômade impenitente a não ser instruído, na carne, pelas horas do ventre materno, arredondado como um globo, um mapa-múndi. O resto é um pergaminho já escrito.

Mais tarde, muito mais tarde, cada um se descobre nômade ou sedentário, amante de fluxos, transportes, deslocamentos, ou apaixonado por estatismo, imobilismo e raízes. Sem que o saibam, alguns obedecem a tropismos imperiosos, submetem-se aos campos mag-

néticos hiperbóreos ou setentrionais, voltam-se para o nascente, inclinam-se em direção ao poente, sabem-se mortais, é verdade, mas sentem-se como fragmentos de eternidade destinados a se mover num planeta finito – estes vivem de forma semelhante à energia que neles atua e que anima o resto do mundo; de maneira igualmente cega, outros experimentam o desejo de enraizamento, conhecem os prazeres do local e desconfiam do global. Os primeiros amam a estrada, longa e interminável, sinuosa e ziguezagueante; os segundos se comprazem com a toca, sombria e profunda, úmida e misteriosa. Esses dois princípios existem menos em estado puro, à maneira de arquétipos, do que como componentes indiscerníveis na particularidade de cada indivíduo.

Para figurar esses dois modos de ser no mundo, a narrativa genealógica e mitológica produziu o pastor e o camponês. Esses dois mundos se afirmam e se opõem. Com o passar do tempo, tornam-se o pretexto teórico para questões metafísicas, ideológicas e depois políticas. Cosmopolitismo dos viajantes nômades contra nacionalismo dos camponeses sedentários, a oposição agita a história desde o neolítico até as formas mais contemporâneas do imperialismo. Ela atormenta ainda as consciências no horizonte imediato do projeto europeu ou, mais distante, mas igualmente certo, do Estado universal.

Os pastores percorrem e levam os rebanhos a pastar em vastas extensões, sem preocupação política ou social – a organização comunitária tribal supõe algumas regras, é verdade, mas as mais simples possíveis; já os camponeses se instalam, constroem, edificam aldeias, cidades, inventam a sociedade, a política, o

Estado, portanto a Lei, o Direito que um uso interessado de Deus, através da religião, sustenta. Aparecem as igrejas, as catedrais e os campanários indispensáveis para ritmar os tempos do trabalho, da prece e do lazer. O capitalismo pode nascer e, com ele, a prisão. Tudo o que recusa essa nova ordem contradiz o social: o nômade inquieta os poderes, é o incontrolável, o elétron livre impossível de seguir, de fixar, de designar.

O Antigo Testamento não esqueceu essa questão. Basta reler as páginas inaugurais do Gênese nas quais se cruzam Caim e Abel, dois irmãos destinados à tragédia, votados à maldição. Todos conhecem mais ou menos a história do fratricídio ou do primeiro homicídio. Mais raro é lembrar o ofício dos dois protagonistas: o pastor de rebanhos e o camponês lavrador, o homem dos animais em movimento contra o do campo que permanece. Os andarilhos, os vagabundos, os errantes, os que pastam, correm, viajam, vagueiam, flanam, palmilham, já e sempre em oposição aos enraizados, aos imóveis, aos petrificados, aos erigidos em estátua. A água dos riachos, corrente e inapreensível, viva, contra a mineralidade das pedras mortas. O rio e a árvore.

Assim, o agricultor mata o pastor, o camponês assassina o homem das cabras. As razões? A afeição de Deus mais claramente voltada para a futura vítima. A fim de honrar o Criador, Abel oferece gordura e os primogênitos do seu rebanho; Caim, os frutos do seu trabalho agrícola. E o Todo-Poderoso, parece, dá mais atenção ao pastor. Não se sabe por quê. Enciumado, o camponês se lança contra o irmão e o mata. Deus amaldiçoa Caim e, como punição, o condena a vagar, a errar. Gênese da errância: a maldição; genealogia da

eterna viagem: a expiação – donde a anterioridade de uma falta sempre grudada no indivíduo como uma sombra maléfica. O viajante procede da raça de Caim que Baudelaire tanto apreciava.

Quando, séculos mais tarde, um nazareno bem-falante começa a subida do Gólgota para ser crucificado entre dois ladrões, dizem – mas o Novo Testamento permanece silencioso sobre esse ponto – que um indivíduo sem nome, não nomeado e que vai se tornar inominável, se recusa a dar de beber ao homem a caminho da crucificação. Por esse motivo, o sovina que não oferece uma gota de água ao sedento foi condenado, também, à maldição, e depois à errância por séculos e séculos. Tratava-se do judeu que dá origem ao Judeu errante, votado a caminhar eternamente, amaldiçoado, ao lado de Caim.

O camponês fratricida e o judeu egocêntrico lembram que a condenação a não ter domicílio fixo acompanha a falta, o pecado e o erro. Desde então, associa-se a viagem sem retorno à vontade punitiva de Deus. A ausência de casa, de terra, de chão supõe, a montante, um gesto deslocado, um sofrimento causado a Deus. O esquema impregna a alma dos homens há séculos: judeus, ciganos, gitanos, boêmios, zíngaros, toda essa gente da viagem sabe que, um dia ou outro, quiseram obrigá-la ao sedentarismo, quando não lhe negaram o direito mesmo de existir. O viajante desagrada o Deus dos cristãos, assim como indis põe príncipes, reis, homens do poder desejosos de realizar a comunidade da qual sempre escapam os errantes impenitentes, associais e inacessíveis aos grupos enraizados.

Todas as ideologias dominantes exercem seu controle, sua dominação ou mesmo sua violência sobre

o nômade. Os impérios se constituem sempre sobre a redução a nada das figuras errantes ou dos povos móveis. O nacional-socialismo alemão celebrou a raça ariana sedentária, enraizada, fixa e nacional, ao mesmo tempo em que designava seus inimigos: os judeus e os ciganos nômades, sem raízes, móveis e cosmopolitas, sem pátria, sem terra. O stalinismo russo procedeu da mesma forma, perseguindo também os semitas e os povos de pastores das repúblicas caucasianas ou sul-siberianas.

O petainismo francês elege as mesmas vítimas expiatórias, enquanto celebra os sedentários regionais, locais, patriotas, nacionalistas, os homens da terra, os produtos gauleses. Qual a falta atribuída àquelas figuras designadas? A de serem inassimiláveis à comunidade, irreduzíveis, impossíveis de governar, de dirigir. Qual a punição? O campo de concentração, a permanência obrigatória num lugar, o confinamento como gado, cercado de arame farpado, e depois a destruição, a morte por gás, como com os animais nocivos. O capitalismo atual condena do mesmo modo à errância, à ausência de domicílio ou ao desemprego os indivíduos que ele rejeita e amaldiçoa. Que crime eles cometeram? Serem inassimiláveis ao mercado, a pátria dos homens do dinheiro. Qual o castigo? As pontes, as ruas, as calçadas, os porões, as bocas de metrô, as estações ferroviárias, os bancos de praças públicas – o aviltamento dos corpos e a impossibilidade de um porto, de um repouso.

O viajante concentra estes tropismos milenares: o gosto pelo movimento, a paixão pela mudança, o desejo ardoroso de mobilidade, a incapacidade visceral de comunhão gregária, a vontade de independência, o culto da liberdade e a paixão pela improvisação

de seus menores atos e gestos; ele ama seu capricho mais do que a sociedade na qual vive à maneira de um estrangeiro, coloca sua autonomia bem acima da salvação da cidade, que ele habita como ator de uma peça da qual não ignora a natureza de farsa. Longe das ideologias da aldeia natal e da terra, do solo da nação e do sangue da raça, o errante cultiva o paradoxo da forte individualidade e sabe se opor, de maneira rebelde e ruidosa, às leis coletivas. Zaratustra, que odeia as cidades e a vaca multicolorida, é a sua figura tutelar.

Viajar supõe, portanto, recusar o emprego do tempo laborioso da civilização em proveito do lazer inventivo e alegre. A arte da viagem induz uma ética lúdica, uma declaração de guerra ao espaço quadriculado e à cronometragem da existência. A cidade obriga ao sedentarismo através de uma abscissa espacial e de uma ordenada temporal: estar sempre num determinado lugar num momento preciso. Assim o indivíduo é controlado e facilmente identificado por uma autoridade. Já o nômade recusa essa lógica que permite transformar o tempo em dinheiro, e a energia singular, único bem de que dispõe, em moeda sonante e legal.

Partir, ir atrás dos pastores, é experimentar um gênero de panteísmo extremamente pagão e reencontrar o rastro dos deuses antigos – deuses das encruzilhadas e da sorte, da fortuna e da embriaguez, da fecundidade e da alegria, deuses das estradas e da comunicação, da natureza e da fatalidade – e romper as amarras com os entraves e as servidões do mundo moderno. A eleição do planeta inteiro como périplo equivale à condenação do que fecha e subjuga: o Trabalho, a Família e a Pátria, para falar apenas dos entraves mais visíveis, mais identificáveis.

Como mônada autossuficiente, o viajante recusa o tempo social, coletivo e coercitivo, em favor de um tempo singular feito de durações subjetivas e de instantes festivos buscados e desejados. Associal, insociável, irrecuperável, o nômade ignora o tempo convencional e se orienta pelo sol e as estrelas, pelas constelações e a trajetória do astro no céu; não tem relógio de pulso, mas um olho de animal apto em distinguir as auroras, o amanhecer, as tempestades que se formam e se dissipam, os crepúsculos, os eclipses, os cometas, as cintilações estelares; sabe ler a matéria das nuvens e decifrar suas promessas, interpreta o vento e conhece seus hábitos. O capricho governa seus projetos relacionados com os ritmos da natureza. Nada mais conta, exceto ele e seu uso do mundo – por isso ele procede dos banidos e dos recusados. Quando põe o pé na estrada, ele obedece a uma força que, surgida do ventre e do âmago do inconsciente, lança-o no caminho, dando-lhe impulso e abrindo-lhe o mundo como um fruto caro, exótico e raro. Desde o primeiro passo realiza seu destino. Nas trilhas e nas veredas, nas estepes e nos desertos, nas ruas das megalópoles ou na desolação dos pampas, sobre a onda profunda ou no ar atravessado por invisíveis correntes, ele sabe o inevitável encontro com sua sombra – não tem escolha.